

## ONTOLOGIA, VIDA COTIDIANA E O JOVEM TRABALHADOR

*Juliana Aparecida Cruz Martins*

*Patricia Laura Torriglia*

### RESUMO

O desenvolvimento histórico-social que culmina na sociabilidade de configuração na forma capital pressupõe questões mais básicas da vida cotidiana até as que envolvem as relações mais complexas da totalidade social. Este artigo tem como objetivo apresentar alguma compreensão em relação à categoria vida cotidiana a partir da ontologia crítica – fundamento teórico/metodológico desta abordagem. Desta maneira primeiramente, apresentamos algumas considerações sobre a vida cotidiana principalmente a partir da compreensão de G. Lukács (1966, 2010, 2013) e o ser jovem. Posteriormente articulamos esta análise teórica com a situação do jovem diante da sociabilidade capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: vida cotidiana– jovem – trabalho - educação

### 1. INTRODUÇÃO

Consideramos a juventude em um processo histórico e em constantes transformações com respeito à vida e às tomadas de decisões. Iniciamos essa análise reflexiva com o auxílio da literatura para introduzir e subsidiar a compreensão sobre cotidiano e juventude que pretendemos desenvolver neste texto de um lado com o pensamento de Tolstói (2012) em seu livro *Juventude* que discorre sobre a vida de um jovem rico, cujo cotidiano é tomado por cuidados e preocupações sobre o futuro. Este jovem rico tem a possibilidade, na convivência com seus amigos, os trabalhadores, de entender as dificuldades do que significa ser um jovem trabalhador. De outro lado, Forrester (1997) em seu livro *Horror Econômico* fala de uma juventude em uma conturbada relação com o social, um jovem que não sabe se sobreviverá a mais um dia. Um jovem que vive em um mundo de inquietação, com motivos escusos, emaranhados por uma configuração social, baseada na relação da exploração da força de trabalho. Nessa direção, os jovens sempre estiveram e estão diante de questões, de alternativas que reivindicam um posicionamento conforme o contexto histórico-social de cada época; porém, como todos os sujeitos, a gênese de sua relação social encontra-se no centro da cotidianidade, é daí que despontam a compreensão sobre o ser humano, as valorações para futuras tomadas de decisões.

A categoria vida cotidiana na ontologia lukácsiana é um apoio basilar para analisar a sociabilidade capitalista para explicar o ser humano no movimento histórico-social da sociedade. Embora Lukács não aprofunde estudos sobre juventude ou jovem, objeto que

pretendemos analisar neste artigo, ele nos oferece um arcabouço teórico importante para compreender tal temática social, com base em sua concepção ontológica materialista da realidade e do ser social. As categorias especificadas pelo autor, que compõem a totalidade social possibilitam entender as características mais singulares do sujeito histórico. Sendo assim, uma das categorias que consideramos pertinentes para este artigo é a vida cotidiana, priorizando a compreensão de G. Lukács e algumas indicações da autora Agnes Heller (1994)<sup>1</sup>. Um dos questionamentos feitos por autores que tratam de analisar a vida cotidiana é: por que compreender a vida cotidiana? Assim, é na vida cotidiana que a vida acontece, o mais ilustre homem e mulher tem uma cotidianidade; inerente à sobrevivência mais imediata da existência, quanto mais conhecer os aspectos e as estruturas da sua constituição nos permite pensar outras atividades, ações e estratégias para torná-la mais adequada e orientada às transformações mais amplas da sociedade.

Os conteúdos e formas de existência humana de cada época contribuem para cada decisão realizada por parte do jovem, considerando a cotidianidade como lugar onde acontece a vida. A arte a ciência, a filosofia são elementos fundamentais que ampliam a compreensão do mundo, podem contribuir nas decisões e resultar em transformações sociais amplas. Esses elementos permitem que o ser humano realize superações tomando “distância” da imediaticidade com o objetivo de incorporar análises e compreensões que lhe permitirão ampliar a cotidianidade, torná-la mais ampla, não eliminando por isso as atividades automáticas de cada dia – nem poderia – mas acrescentando novos e renovados elementos para realizar as decisões que vão além das atividades diárias.

A compreensão acerca do jovem ou de grupos de jovens pode elucidar os problemas da sociedade em geral. Em primeiro lugar, existe um laço entre análise sobre a juventude e a sociedade em geral, e um segundo aspecto é a compreensão das características universais que demandam a compreensão da dinâmica histórica e possibilita pensar em termos de acumulação e de comparação sobre a realidade dos jovens na sociedade.

Neste texto realizamos um recorte apresentando algumas reflexões de dois estudos em relação ao ser jovem trabalhador e outro sobre a vida cotidiana. Assim, primeiramente, indicamos algumas considerações sobre a vida cotidiana principalmente a partir da compreensão de G. Lukács (1966, 2010, 2013) e o ser jovem. Posteriormente articulamos esta análise teórica com a situação do jovem diante da sociabilidade capitalista.

---

<sup>1</sup> Referenciamos Heller, em uma etapa em que a autora está ainda ligada a seu mestre Lukács e à perspectiva marxista.

## 2. JUVENTUDE E VIDA COTIDIANA: UMA ANÁLISE ONTOLÓGICA

O momento da juventude corresponde a um período de transição que possibilita apreender o mundo de acordo com critérios universais; a escolha de objetivos para a vida acontece conforme normas e regras tanto cotidianas como também universais. Ao compreender o ser jovem na sociedade durante diferentes períodos da história, existe uma particularidade: a vida diária de cada um em cada época, com suas características específicas. Compreendemos que, para além de um mero fenômeno social, a cotidianidade de cada ser é ontológica, pois tem uma gênese que corresponde ao processo histórico da humanidade. Dessa forma, é necessário entender a ontologia da cotidianidade como responsável por todas as tendências indispensáveis para a prática da reprodução da vida (LUKÁCS, 2013). Uma das especificidades da vida cotidiana é que

[...] a relação entre teoria (como preparação consciente da práxis) e práxis possui um caráter imediato, em todo caso, ela supera todas as demais esferas da vida em termos de imediatidade. Isso está intimamente ligado [...] com o fato de a vida cotidiana constituir o âmbito em que todo homem forma de modo imediato as suas formas de existência pessoais, implementando-as na medida do possível, o âmbito em que para o homem se decide, em muitos aspectos, o êxito e o fracasso desse modo de conduzir sua vida (LUKÁCS, 2013, p. 449).

Assim, a vida cotidiana é o terreno fundamental para os modos mais elevados de compreensão do mundo. Começo e final ao mesmo tempo de toda atividade humana De acordo com Lukács (2013), a concepção mais geral das contradições centrais sociais é impossível de apreensão teórica se não ponderarmos o ponto de partida nos fatos mais simples da vida cotidiana dos homens. Só o que realmente existe no real pode ser analisado, estudado e tem possibilidades de apropriação. Todo pensamento que não considera o real está comprometido com dissoluções subjetivistas. Esclarece Lukács (2010, p. 37) que,

[...] devido igualmente ao fato básico, próprio do ser humano, de que nunca somos capazes de ter um conhecimento total de todos os componentes de nossas decisões e suas consequências –, também na vida cotidiana o ser real muitas vezes se revela de maneira altamente distorcida.

A imediatidade da cotidianidade precisa ser o ponto de partida, como também a base que nos possibilita apreender o ser autêntico em si. Partir do pensamento que permeia a vida

cotidiana, constituído pelos processos de objetivação que contém elementos substanciais de elaborações mais complexas, e sempre tem a práxis como critério de orientação. Lukács<sup>2</sup> (1994, p. 10) explica que, essa objetivação que surge do modo de atuar e de agir dos homens particulares, permite que na vida cotidiana surja uma “zona de mediação”, um campo de possibilidades, para superar o “aparente abismo do pensamento”. Como bem salientam Torriglia e Cisne (2015, p. 165), para ultrapassar essa lacuna, é necessário

aceitarmos a ideia de que a produção de conhecimento se dá no movimento entre a vida cotidiana e sua superação, torna-se necessário restaurar e avançar no conceito da vida cotidiana já que é imprescindível para compreender o retorno do conhecimento mais elaborado – ciência, arte, filosofia – à vida cotidiana.

Nessa mesma linha de pensamento, Lukács (1994, p. 12) esclarece que

la vida cotidiana constituye la mediación objetivo-ontológica entre la simple reproducción espontánea de la existencia física y las formas más altas de la genericidad ahora ya consciente, precisamente porque en ella de forma ininterrumpida las constelaciones más heterogéneas hacen que los dos polos humanos de las tendencias apropiadas de la realidad social, la particularidad y la genericidad, actúen en su interrelación inmediatamente dinámica.

O ser humano, ao transformar seu mundo imediato vai se formando a si próprio. Cada um de nós é responsável e representante do mundo em que outros nascem, e neste movimento do modo de como vemos esse mundo, a educação cumpre um papel importante para a sociedade. Nos processos de transmissão da cultura – que inicia desde o nascimento - repercutirá nas experiências pessoais de cada um e ao serem transmitidas essas experiências, o ser humano objetiva-se no mundo. “En mi relación con la vida cotidiana dada, en mis afectos y reflexiones respecto a estas relaciones, en la eventual descomposición de las actividades cotidianas, nos enfrentamos, y esto subrayado, con procesos de objetivación” (HELLER, 1994, p. 25). É na vida cotidiana que formamos o mundo e que coincide com a formação de nós mesmos.

O homem particular é histórico, é sempre reprodução de um homem histórico, em um mundo concreto. Por mais que sejam diferentes os usos das coisas e sistemas concretos de determinada sociedade, se o homem quer sobreviver, deve aprender a cada dia a lidar com as circunstâncias e instituições da sociedade na qual vive. Vejamos isso nas palavras de Heller

---

<sup>2</sup> Escrito no Prefácio do livro *Sociología de la vida cotidiana*, escrito por Ágnes Heller, em 1970.

(1994, p. 22) quando explica que a apropriação das coisas e dos sistemas de usos e das instituições “no se lleva a cabo de una vez por todas, ni concluye cuando el particular llega a ser adulto; o mejor, cuanto más desarrollada y compleja es la sociedad tanto menos está concluida”.

A etapa da juventude corresponde a um período da vida em que o jovem se encontra em uma fase de transição ao mundo adulto. Sua vida cotidiana é repleta de novidades, de sonhos, de perspectivas de um futuro a ser conquistado. Os referentes, como família, instituições, grupos de jovens, movimentos sociais, entre outros aspectos, podem desempenhar um papel importante na formação que permitem a esse jovem realizar algumas escolhas que podem torná-lo um adulto com maior capacidade de escolhas. É nesse período que o trabalho e a educação são excepcionais para os futuros desígnios na vida do jovem.

Da vida cotidiana até as mais complexas objetivações dos seres humanos vigora, em toda parte, a dupla determinação, em que nela se entende a ideologia no sentido mais amplo, como possibilidade de elemento fundamental na resolução dos conflitos sociais. Na cotidianidade de cada homem a vida acontece – suas realizações, sejam práticas, intelectuais – estes são enfrentados mediante formas ideológicas. O contexto familiar – o pequeno mundo – torna-se o primeiro contato com as referências sobre o mundo, que permite ao jovem desenvolver seu caráter, ter suas primeiras conquistas e frustrações.

## 2.1 CONTEXTO E BASES DA VIDA COTIDIANA DO *SER JOVEM*

Como já destacado, a vida cotidiana é a vida do homem inteiro, o ser humano participa na vida diária com todos os aspectos de sua personalidade. Ao longo da vida, o indivíduo desenvolve certas habilidades que contribuem para suas escolhas fora do âmbito da vida familiar. Essas habilidades dependem do conteúdo da vida que possibilitou a formação dessa personalidade. Para o jovem, é evidente que, no meio familiar, na vida de cada dia, com base nas relações desempenhadas em família, existe possibilidade de que os jovens possam realizar: aprendizagem das atividades instrumentais existentes, regulação a partir de certas normas e valores, com base na solidariedade dos adultos e outros membros da família (EISENSTADT, 2008, p. 211). O ser humano da cotidianidade se constrói, dessa forma, atuante e ativo, receptivo à sociedade em que vive, mas nunca absorvendo completamente todo o movimento dela, já que, por causa do tempo e da possibilidade, não pode ativá-la em sua intensidade. Lukács (2013, p. 288-289) lembra que

[...] o homem realiza em seus atos a sua essência, a sua identidade consigo mesmo, que suas ideias, seus sentimentos, suas vivências etc. expressam a sua essência, o seu si-mesmo de modo autêntico só na medida em que são capazes de externar-se de alguma forma em suas ações, [...]

Na mesma linha de pensamento, Heller (2008, p. 33) afirma que

o homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade.

O adulto, antes de tudo, deve dominar a manipulação das coisas; exemplos como manipular o garfo, a colher e a faca, por mais triviais que sejam, demonstram “a assimilação da manipulação das coisas e sinônimo de assimilação das relações sociais” (HELLER, 2008, p. 33). A manipulação de coisas básicas não garante ao ser humano que realmente tenha assimilado valores de integrações maiores; somente quando o indivíduo age fora de seu círculo familiar, compreenderá se é capaz de agir e se manter autonomamente no mundo, para além da dimensão do grupo humano comunitário. “A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico” (HELLER, 2008, p. 34).

Lukács (2013, p. 284) esclarece que a gênese desse ser social, por mais sutil que pareça, tem toda uma relação com o que se compreende nos dias atuais por individualidade. De acordo com o autor,

assim como o ser social se constrói de encadeamentos dessas decisões alternativas que se cruzam de muitas maneiras, assim também a vida humana singular se constrói de sua sequência e de sua separação. Desde o primeiro trabalho enquanto gênese do devir homem do homem até as resoluções psíquico-espirituais mais sutis, o homem confere forma ao seu meio ambiente, contribui para construí-lo e aprimorá-lo e, concomitantemente com essas suas ações bem próprias, partindo da condição de singularidade meramente natural, confere a si mesmo a forma de individualidade dentro de uma sociedade.

Considerando os jovens, entendemos que é na relação familiar que se vão constituindo os sistemas primários necessários da vida cotidiana e onde se desenvolvem linhas e traços do comportamento, preceitos e valores próprios do ambiente e contexto social no qual estão inseridos. No entanto, é no convívio fora desse ambiente, nas relações e articulações para além dessa cotidianidade que eles colocam em prática as matrizes e as aprendizagens

incorporadas e obtidas nesse processo. Dessa maneira, os primeiros contatos com os outros, o ambiente familiar, entre outros, é imprescindível para sua formação como ser social.

Así se puede decir que la familia constituye un grupo social o sistema que mantiene un balance constante entre muchos tipos de actividades, que reducen en este sentido las tensiones acumuladas de la necesidad de actividades instrumentales de regulación y que, en consecuencia, mantiene la estabilidad y seguridad emocional del individuo, así como la solidaridad y continuidad social (EISENSTADT, 2008, p. 211-212).

O significado das características da vida familiar e a sociedade é uma questão relevante, pois possibilita ao jovem compreender os muitos tipos de relações sociais e atividades a desempenhar no decorrer da vida. Permite à família exercer um papel socializador de possibilidades de continuidade social. É na família que o jovem aprende os diferentes tipos de atividades que lhe torna membro da sociedade, possibilita resolver a tensão das frustrações, caso algo dê errado na “disciplinada” vida em sociedade (EISENSTADT, 2008, p. 210).

No entanto, a totalidade e a complexa sociedade apresenta aos jovens cada vez mais integrações, desde a esfera jurídica, política, da educação, etc., que lhe exigem sempre escolhas entre alternativas que podem influenciar a comunidade, a cidade, o país, entre outros lugares e, assim, abarcar consequências que possibilitam alterar a vida de muitas pessoas. O ser individualidade contém tanto o humano do cotidiano quanto o humano genérico. Na concepção de Heller (2008, p. 39),

[...] quanto maior é a importância da moralidade, do compromisso pessoal, da individualidade e do risco (que vão sempre juntos) na decisão acerca de uma alternativa dada, tanto mais essa decisão eleva-se acima da cotidianidade e tanto menos se pode falar de uma decisão cotidiana.

O sujeito forma seu mundo como seu ambiente imediato e, apesar de seu raio de ação ser limitado, é capaz de alcançar objetivações mais elevadas, superiores – capacidades fundamentais, afetos, modos de comportamento – que possibilitam transcender a própria ambiência, mediante contínuos processos de objetivação. Nesta perspectiva, concordamos com Heller quando aponta que a objetivação dessas capacidades seria impossível se o ser humano não as houvesse adquirido e apreendido na vida cotidiana.

Lukács (1994, p. 4) explica que



[...] o fato de que a origem de nossas representações ontológicas está na cotidianidade não significa que podem e devem ser aceitas criticamente. Ao contrário. Tais representações são repletas não apenas de preconceitos ingênuos, mas com frequência de ideias manifestamente falsas que, se às vezes provêm da ciência, nela penetram, sobretudo a partir das religiões, etc. [...]

Mas também ele aponta que a necessidade de crítica não autoriza descuidar do fundamento cotidiano. A partir de uma concepção de reflexo em movimento – que captura o mundo objetivo – e de maneira geral, o reflexo científico e estético da realidade objetiva são formas de reflexos que se foram constituindo e diferenciando cada vez mais refinadamente no curso da evolução histórica e tem seu fundamento na vida real. O ponto médio destes dois reflexos, segundo Lukács, é o reflexo da realidade própria da vida cotidiana. Isto significa que os dois reflexos – científico e estético – nascem das necessidades da vida cotidiana, e na mistura de muitos resultados (e mediações) estes reflexos que ingressam no campo da cotidianidade ampliam, enriquecem colocando a vida cotidiana em níveis superiores de desenvolvimento (LUKÁCS, 1966).

Esses elementos tornaram-se indispensáveis cada vez mais, por causa do aumento do nível de sociabilidade. O desenvolvimento da personalidade, como parte desse desenvolvimento das possibilidades, permite a ampliação das formas de reagir do ser humano diante da realidade. Questões como: (a) Qual é o conteúdo das possibilidades na realidade social capitalista?; (b) Que tipo de ampliação das possibilidades prioriza-se na sociabilidade do capital? são evidentes diante desse problema. Portanto, o desenvolvimento da personalidade, que é consequência do âmbito de possibilidades, “está, como todos os processos históricos, em uma relação de desigualdades com sua própria base sócio-histórica” (LUKÁCS, 2010, p. 226).

Para além do âmbito familiar, temos que, com o desenvolvimento da sociabilidade, outros aspectos contribuem para a formação da personalidade do jovem. Concretiza-se um complexo ideológico que assume diferentes funções sociais e de forma significativa contribui para o desenvolvimento da personalidade humana. E o jovem, por estar nesse processo de transição na sociabilidade do capital, é alvo do conteúdo desse complexo ideológico.

O sentido concreto de ideologia no âmbito do ser social é que nada pode ocorrer na vida do ser humano além do que o nascimento determinou, de acordo com o contexto histórico-social de nascimento. Não existe nada no ser social, desde a alimentação, a sexualidade até abstrações mais amplas e exteriorizadas que não façam parte do ser humano



concreto que corresponde às circunstâncias de seu nascimento. A objetivação e a alienação são componentes fundamentais e indispensáveis para que aconteça essa concretização.

Essa realidade, na qual se encontram os homens e mulheres, esse “mundo” o qual devem enfrentar desde seu nascimento, seja qual for a classe ou o extrato social no qual se encontram, determinam, necessariamente, o tipo e a qualidade das demandas que a vida lhes coloca. Eles deverão responder e reagir com respostas práticas e com generalizações que surgem de tais respostas. Dentro destas ininterruptas respostas se encontram os impulsos, os sentimentos, todas as questões internas e subjetivas que constituem os indivíduos. Essas respostas acompanham a história e os momentos em uma sociedade determinada (TORRIGLIA, 1999, p. 103).

E é mediante a “experiência cotidiana prática e conquista científica da realidade que pode decorrer uma aproximação legítima da verdadeira constituição do ser” (LUKÁSC, 2010, p. 41). Esses dois componentes sociais podem igualmente permitir o bloqueio do progresso humano, que podem ter a função ideológica de estímulo ou obstáculo, conforme os interesses de classes. No processo histórico, o posicionamento mais arraigado de interesses em defesa de determinada ideologia que direciona a sociedade torna-se posicionamento enfático com a origem da propriedade privada e a divisão da sociedade em classes.

A questão principal é, por conseguinte, que o surgimento de tais ideologias pressupõe estruturas sociais, nas quais distintos grupos e interesses antagônicos atuam e almejam impor esses interesses à sociedade como um todo como seu interesse geral. Em síntese: o surgimento e a disseminação de ideologias se manifestam como marca registrada geral das sociedades de classes (LUKÁCS, 2013, p. 472).

Na sociedade capitalista, o interesse da classe trabalhadora aparece como interesse da classe burguesa. As regulamentações, as leis de governo só podem funcionar de uma forma coercitiva para uma minoria da população; de uma maneira geral, devem gerar o voluntarismo, a aceitação da grande maioria, temos que

[...] cada imagem humana a respeito do ser também depende de quais imagens de mundo parecem adequadas para fundar teoricamente uma práxis, possível ao máximo grau, que funcione corretamente conforme as circunstâncias (LUKÁSC, 2010, p. 46).

O jovem enfrenta problemas diários; ele necessita de alguma maneira encontrar uma alternativa para continuar sobrevivendo; entretanto, precisa ter uma compreensão concisa sobre como enfrentar cada obstáculo cotidiano. Vimos que a vida diária de cada um torna-se

um momento de fazer e realizar coisas de forma automática, sem muita clareza do que modificar; no entanto, com o auxílio da cientificidade, da arte, da filosofia, todos podem aperfeiçoar essa cotidianidade (LUKÁCS, 2014). A fundamentação da ideologia na concepção do materialismo histórico e dialético implica a transformação social.

A ideologia pode ser compreendida como um dos elementos que contribuem para que aconteça a modificação de concepções do mundo, baseadas em problemas sociais que emergem das bases sociais na vida cotidiana, entendida por Lukács (2010, p. 38) como formas “nas quais os seres humanos se conscientizam desses conflitos e o combatem”. O autor esclarece que esse pensamento sobre ideologia baseia-se no Prefácio da *Crítica da Economia Política*, escrito por Marx (1859). É importante destacar que, em toda a sua obra, Lukács compreende ideologia nesse fundamento e não como alguns entendem ideologia, como falsa realidade. Apesar de que ambas são possíveis na prática, proporcionando tanto uma aproximação do ser, como um afastamento de sua realidade.

De acordo com Lukács (2010), a ideologia contribui de maneira significativa quando cumpre a função social que possibilita resolver conflitos sociais que podem cooperar com a concretização de ações e estratégias que permitam superar grandes obstáculos sociais e aproximar o ser humano de conteúdos que poderão auxiliar em escolhas de alternativas para o desenvolvimento da personalidade humana, tanto em seu ser individualidade quanto no tornar-se homem do homem, ou seja, a consciência do gênero em si.

Temos como marcas essenciais da existência humana a reprodução e continuidade dos seres singulares e da sociedade. Os processos de objetivações singulares não possuem caráter de rigidez; porém, são expressão dinâmica do real e base para outros sistemas de objetivações superiores. A forma de objetivação, quando remodelada em uma atividade, resulta em formas de objetividade. Continua explicando Lukács (2013, p. 447) que

a objetividade é precisamente uma intenção do pensamento direcionada para o em-si dos objetos e de suas conexões, um em-si não falsificado por ingredientes subjetivos, projeções etc., do que faz parte tanto a qualidade quanto a quantidade. O tipo de sua realização depende, portanto, da constituição dos objetos, cujo ser-em-si se pretende apreender, depende da adequação do tipo do pôr a eles.

O ser humano é produto de sua atividade que exerce sobre as possibilidades uma ação qualitativamente transformadora “[...] do mesmo modo que transformou o desenvolvimento do ser e o ser determinado da forma também em um processo ativo” (LUKÁCS, 2010, p. 221). Conforme aumenta o nível do campo das atividades humanas, “o âmbito de

possibilidades se ampliam de forma constante e necessária, tanto quantitativa como qualitativamente, em cada membro singular da sociedade e na totalidade de sua cooperação” (LUKÁCS, 2010, p. 221). É necessário entender que esse campo de possibilidades – que permite a mediação da concepção do mundo para além da mera cotidianidade – encontra problemas quando se pauta somente na análise científica sem uma referência crítica.

A educação apresenta-se como um elemento de possibilidade de modificar e tornar o ser social em um ser que responde e que modifica o ambiente no qual vive, mediante um conhecimento teórico e prático. A educação dos jovens pressupõe atender aos objetivos de apreensão do conhecimento científico, filosófico. Nesse caso, torna-se fundamental

educar a sus jóvenes es probablemente la segunda tarea más importante de una sociedad, y ocupa el segundo puesto sólo con respecto al problema de organizarse para llevar a cabo actos colectivos. Una vez organizada, si la sociedad busca mantenerse, el joven debe ser moldeado para encajar en los roles para los cuales depende la supervivencia del conjunto social (COLEMAN, 2008, p. 109)<sup>3</sup>.

A formação do homem para a individualidade consiste na multiplicidade de decisões que o ser singular da sociedade é induzido ou em alguns casos obrigado a tomar pela diferenciação interna da sociedade. A grande multiplicidade de reações, seu conteúdo, sua forma, etc. são sempre postos pelo desenvolvimento da sociedade,

[...] ser humano [...] é um ser que responde, seu papel nesse curso histórico consiste em dar às questões colocadas pela sociedade respostas tais que, em suas consequências, sejam capazes de estimular, inibir e modificar etc. as tendências de fato operantes (LUKÁCS, 2010, p. 92).

A individualidade socialmente determinada, que permite reagir diante da cotidianidade, e as alternativas que ela apresenta, é caráter de todo o ser humano. “É em termos ontológicos objetivos, um produto do desenvolvimento milenar da sociedade para uma sociabilidade tendencialmente omnilateral” (LUKÁCS, 2010, p. 95).

Lukács (2010, p. 95-96) lembra que

o curso de vida de cada ser humano consiste numa cadeia de decisões, que não é uma sequência simples de diferentes decisões heterogêneas, mas se refere contínua e espontaneamente ao sujeito da decisão. As inter-relações desses componentes com o ser humano, como unidade, formam aquilo que costumamos chamar, na vida cotidiana, com razão, o caráter, a personalidade, do ser humano singular.

---

<sup>3</sup> Texto original escrito em 1961.

Qual conjunto de valores? Qual conteúdo de valores (positivos ou negativos) configura-se na vida diária sob a égide da sociabilidade capitalista? No entendimento de Lukács (2013), por um lado, a vida cotidiana, com seus complexos, pode dificultar a compreensão real dos fenômenos sociais; por outro lado, pode influenciar as objetivações mais elevadas no sentido social. Quanto mais a sociedade torna-se social, a vida privada (cotidiana) torna-se um complexo de decisões e alternativas, com conteúdo com peso social que pode resultar em escolhas bem-sucedidas ou frustrantes, que podem ser decisivas.

Se não entendermos a imediatidade da vida dos indivíduos (vida cotidiana), em seu caráter ontológico, não o compreenderemos como individualidade, somente como produto de um desenvolvimento mecânico. “A individualidade pode expressar-se tomando posição contra ou a favor da sociedade existente [...] com o que estes podem significar tanto uma transformação paulatina e reformadora do presente quanto sua derrubada revolucionária” (LUKÁCS, 2010, p. 101). Em uma sociedade de classes, o comportamento do indivíduo é determinado por formas particulares.

A que considerar que a individualidade humana é resultado de um longo processo de socialização da vida social do ser humano. “Mesmo o mais profundo sentimento interior só pode demonstrar sua autenticidade ao converter-se de algum modo em feitos, e estes só são possíveis na convivência com outros seres humanos (ou seja, socialmente)” (LUKÁCS, 2010, p. 106).

Sobre a juventude, é fundamental destacar que a apreensão e as explicações no que concerne às diferentes idades em determinada sociedade permitem uma compreensão do sistema social e também da personalidade individual de cada jovem. Quando a sociedade tem clareza sobre a questão da idade – e o que ela representa nesse momento da história –, significa que pode organizar distintos papéis aos seus membros. Para o indivíduo ter consciência de sua idade, necessita de um elemento importante que corresponda à integração com os demais por meio de sua influência. A sociedade permite, assim, o desenvolvimento de comportamentos que influem na personalidade de cada sujeito, consente que este faça parte da sociedade e reaja conforme sua personalidade em face das tarefas diárias dessa sociabilidade (EISENSTADT, 2008).

Lukács (2013) compreende que a personalidade humana é uma categoria social que implica uma vasta problemática e, conforme o autor existe uma diferença entre o desenvolvimento das capacidades dos homens e o formar-se da personalidade. Ontologicamente o homem torna-se homem objetivamente no trabalho e no desenvolvimento

subjetivo das capacidades provocadas pelo ato do trabalho. A ação favorável ou desfavorável do desenvolvimento das capacidades humanas sobre as personalidades dos homens é um fato objetivo e tendência social que age sobre o real.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças provocadas pelas estruturas sociais antes e depois da produção capitalista – com reviravoltas radicais ou com visão ampliada – seguem transformando as expressões de vida dos homens. Com o desenvolvimento histórico, é possível perceber o aumento do grau de sociabilidade e as contradições entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção. De um lado, podem adquirir caráter de revolução e penetrar em todas as expressões da vida humana ou, de outro lado, a permanência e sustentação da base capitalista, com consequências negativas à vida humana.

O conteúdo do trabalho na forma capital permite que o indivíduo lute por uma “causa”, que não transpõe para além da vida cotidiana. O trabalho sob os aspectos capitalistas não possibilita criar, nas condições específicas da singularidade do sujeito, um vir-a-ser que prioriza a transformação dessa situação social. A educação *stricto sensu* organizada nas instituições educacionais, em sua grande maioria, também não está preparada para modificar esse pensamento.

Na sociedade capitalista a vida cotidiana do ser humano se articula diretamente com as atividades desempenhadas em um trabalho e este vinculado a determinado processo de educação. Com relação à vida do jovem trabalhador, é possível elencar muitas possibilidades de trabalho que são configuradas para atender a referido público. De forma mascarada, em sua grande maioria, muitos desses conteúdos de caráter fluem em exploração da força de trabalho do jovem. Estágios, programas de aprendizagem são oferecidos pelas indústrias, com a proposta de qualificação da força de trabalho e inserção em inovação tecnológica. E, assim, o jovem depara-se entre uma formação e outra, entre o curso de qualificação profissional e o cumprir a jornada de trabalho e também as horas para garantir os níveis de escolarização.

O trabalho, na forma capital, não se sensibiliza pelo jovem iniciante, ou pela sua qualificação. Os programas de aprendizagem, que garantem um trabalho e uma qualificação ao mesmo tempo em que o jovem está na escola, se baseia em uma Lei de Aprendizagem nº 10.097/2000, e as empresas são obrigadas a cumprir. Quando termina a aprendizagem, o jovem nem sempre trabalha na área em que realizou a aprendizagem. As empresas, indústrias, agroindústrias têm um fluxo contínuo de jovens aprendizes e não se responsabilizam com

contratos fixos após a aprendizagem. Sendo assim, quando o jovem termina os dois anos de aprendizagem, a empresa contratante não tem mais obrigações legais com ele e, para se manter dentro da lei, contrata outros jovens. Outro entrave relaciona-se à aprendizagem, pois nem sempre o jovem dá sequência à área em que cursou os anos de aprendizagem. À medida que se alteram as tecnologias, cursos que eram significativos para determinado ramo produtivo são substituídos, e cabe aos jovens qualificarem-se conforme as novas tecnologias.

Inovações tecnológicas são disponibilizadas todos os dias, porém provenientes por meio de um grupo seletivo, patrocinados pelo grande capital. Ao jovem trabalhador, resta o ensino e aprendizagem repetitivos, oferecidos por uma educação formal acompanhada de uma infinidade de cursos oferecidos por outras instituições privadas ou públicas. Os objetivos traçados para qualificação da força de trabalho têm como consequência encontrar um lugar no mercado de trabalho com a esperança de um futuro bem-sucedido. No entanto, o teor da vida na sociabilidade do capital, sob caráter do fenômeno social do estranhamento, não permite que todos tenham as mesmas oportunidades.

Nesta direção, compreende-se a urgência em mediar um debate que permita aprofundar a apreensão da dimensão da vida cotidiana, que consinta em possibilitar a concretização de ações e estratégias que cheguem ao âmago da questão acerca do ser humano na sociedade capitalista contemporânea. Qual o campo de possibilidades alternativas tem sido construído para se contrapor à sociabilidade capitalista que mantém em seus domínios o complexo ideológico social? Sociabilidade esta, que cria os produtos culturais, de bens de consumo com os quais os jovens convivem todos os dias em sua vida cotidiana e para além dela em questões sociais e políticas.

Sendo assim, há a necessidade de uma apreciação crítica do conhecimento científico que se pretende afirmar em determinada sociedade, como o coerente para direcionar e posicionar os indivíduos que compõem essa sociabilidade. A teoria precisa ser crítica e manter-se a favor da vida, do conhecimento a respeito do gênero humano, não somente atender a interesses de determinados grupos, mas à formação da pessoa.

Um dos problemas da sociabilidade capitalista é a utilização de certas teorias em favor da manipulação das informações, cria-se uma “falsa consciência” que impossibilita a classe trabalhadora de reconhecer sua condição de força de trabalho explorada pela burguesia, e essa é afirmada até mesmo por posicionamentos teóricos. E, assim, em nome da teoria, mudam-se complexos inteiros educacionais, jurídicos, ideológicos, a vida cotidiana, as formas de trabalho, as condições de trabalho. Transforma-se a vida de muitos indivíduos, o tempo, as exigências, etc. Essas modificações e transformações quase sempre ligadas a interesses de

classe, de grupos, compõem o campo de possibilidades, influenciando de forma direta as escolhas entre as alternativas com as quais o indivíduo depara-se a todo o momento.

A posição ocupada pelo indivíduo no capitalismo atualmente se defronta cada vez mais com o fator manipulação, que se tornou universal e defronta-se com a formação soberana de todas as coisas, e “todo homem se torna um nada incapaz de resistir à onipotência da manipulação” (LUKÁCS, 2013, p. 454). A onipotência abstrata e a impotência concreta do problema da manipulação torna-se um grande problema a ser investigado. Esse problema está, em certas circunstâncias, cada vez mais ligado com outro importante fator que corresponde às questões éticas e morais relativas à vida humana.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COLEMAN, S. James. **La sociedad adolescente** in: ZOZAYA, María Herlinda Suárez, GONZÁLEZ Valdez Mónica, ISLAS Pérez Antonio José (coordenadores). *Teorías Sobre la Juventud las Miradas de los Clásicos*. México (D.F): Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.

EISENSTADT, Noah Shmuel. **Grupos de edades y estructura social: el problema**, In: ZOZAYA, María Herlinda Suárez, GONZÁLEZ Valdez Mónica, ISLAS Pérez Antonio José (coordenadores). *Teorías Sobre la Juventud las Miradas de los Clásicos*. México (D.F): Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FERRAROTI, Franco. **Consideraciones generales de la juventud como problema social**, In: ZOZAYA, María Herlinda Suárez, GONZÁLEZ Valdez Mónica, ISLAS Pérez Antonio José (coordenadores). *Teorías Sobre la Juventud las Miradas de los Clásicos*. México (D.F): Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.

LUKÁCS, György. **Estética. La peculiaridad de lo estético: categorías psicológicas y filosóficas básicas de lo estético**. Ediciones Grijalbo, Barcelona – México, 1966.

LUKÁCS, György. **Prefacio**. In: HELLER, Agnes. *A sociologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2010.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2013.



LUKÁCS, György. **Conversando com Lukács: entrevista a Léo Kofler, Wolfgang Abendroth e Hans Heinz Holz.** São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

TORRIGLIA, P. L. (1999). **Reflexões sobre o trabalho e a reprodução social: primeiras aproximações em relação ao complexo educativo.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TORRIGLIA, P. L, CISNE Feiten Margareth. **A crítica ontológica na formação humana e os processos de conhecimento: aproximações reflexivas.** Revista Ibero-americana de Educação, v. 67 (2) p. 161 – 171. 2015.

TOLSTÓI, Leão (1828-1910). **Infância, Adolescência, Juventude.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

EISENSTADT, Noah Shmuel. **Grupos de edades y estructura social: el problema,** In: ZOZAYA, María Herlinda Suárez, GONZÁLEZ Valdez Mónica, ISLAS Pérez Antonio José (coordenadores). **Teorías Sobre la Juventud las Miradas de los Clásicos.** México (D.F): Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.